



A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR: NOVOS OLHARES, VELHAS PRÁTICAS

Frederico Jorge Saad Guirra¹

RESUMO: A Educação Física, desde sua inclusão no currículo escolar, passou por fases distintas que atenderam a determinações sociopolíticas vigentes em cada momento, podendo citar a fase Higienista, a Militarista, a Pedagogicista, a Competitivista, a Popular e a Crítica Social. Dentre essas fases, destaca-se a Competitivista, que se iniciou justamente na década de 60, e se prolonga até os dias de hoje em nossas escolas. Nesse período de nossa história a ditadura militar domina o cenário nacional de forma avassaladora e seus reflexos no meio educacional foram marcantes, a ponto de influenciar de forma enfática a prática pedagógica de professores e de suas metodologias de ensino. A Educação Física, disciplina do currículo escolar responsável pelo trabalho corporal reproduz essas práticas, por meio de aulas mecânicas e engessadas, não permitindo que os alunos, pelo movimento, possam manifestar suas vivências e refletir sobre elas. O presente trabalho tenta, de forma reflexiva, abordar a década de 60 até o presente e discutir métodos, práticas, pensamentos que permitam que a Educação Física, cinco décadas após o surgimento da fase Competitivista, ainda legitime essa tendência no contexto escolar e na prática de milhares de professores. Segue também o raciocínio expresso em referências e depoimentos que, por causa da impunidade presente em nossa sociedade, talvez professores não se sintam instigados e motivados a manifestar seus pensamentos e levar os alunos a refletir sobre temas pertinentes à vida cotidiana de sua realidade social, e de que forma eles se apresentam como atores sociais nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Prática Pedagógica. Educação Física Escolar. Competitivismo.

PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOL CONTEXT: LOOKS NEW, OLD PRACTICE.

ABSTRACT: Physical Education, since its inclusion in the school curriculum, passed through distinct phases that attended determinations sociopolitical force in each moment, being able to quote Hygienist phase, the Warlord, the Pedagogicista the Competitivista, Popular and Social Criticism. Among these phases, there is the Competitivista, which began precisely in the 60s, and extends to the present day in our schools. In this period of our history the military dictatorship dominates the national scene so overwhelming and its consequences in the educational environment were striking, the point emphatically influence pedagogical practice of teachers and their teaching methodologies. The Physical Education curriculum discipline responsible for body work reproduces these practices, through classes and casts mechanical, not allowing students, by motion, can express their experiences and reflect on

¹ Doutorando em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Unicamp, na área de concentração Educação Física e Sociedade, na linha de Políticas Públicas em esporte e Lazer. Professor das Faculdades Univar na disciplina Dimensões Sócio-Filosóficas da Educação Física. E-mail: fredguirra@uol.com.br

them. This paper attempts, reflectively, addressing the 60's to present and discuss methods, practices, thoughts that allow physical education, five decades after the emergence of phase Competitivista even legitimize this trend in the school context and practice of thousands of teachers. It also follows the reasoning expressed in references and testimonials that because of this impunity in our society, teachers may not feel instigated and motivated to express their thoughts and lead students to reflect on issues relevant to the everyday life of social reality, and how they present themselves as social actors in this context.

KEYWORDS: Teaching Practice. Physical Education. Competition.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, vários acontecimentos foram de grande importância, para que as sociedades se transformassem e buscassem se adequar às exigências do novo contexto, sempre visando romper com uma ordem estabelecida. A Revolução Industrial foi um desses acontecimentos e traz consigo importantes modificações no processo produtivo, fazendo com que, aos poucos, a produção artesanal desse lugar à produção em grande escala, o que gerou uma nova relação entre o capital e o trabalho. Com o intenso crescimento do capital, e, por que não dizer do capitalismo, como fruto da Revolução Industrial, o Estado passou também por profundas modificações em suas estruturas, como forma de adaptar-se à nova realidade social que trazia a exigência de um Estado que não mais somente garantisse a ordem e atuasse discretamente sobre a população, mas um Estado que fosse forte e dotado de poder, no sentido de garantir serviços sociais e direitos aos cidadãos, além de interferir diretamente nas questões políticas e econômicas.

No campo escolar não foi diferente, a educação também sofreu uma forte influência advinda do crescimento do capitalismo, pois a ideologia da classe burguesa, sempre projetou seus olhares para o domínio das massas, e nesse contexto, a escola possuía um papel fundamental no processo de cooptação das classes menos favorecidas. Dentro do contexto educacional citamos a Educação Física, que desde a sua inclusão no currículo sempre teve como principal foco de trabalho, o corpo, mas não qualquer corpo, mas um corpo que fosse produtivo, forte, sadio e principalmente alienado. Ela, a Educação Física, defendeu nas mais diferentes épocas e sociedades, os interesses das classes dominantes e expressou, por meio do corpo, os desejos e anseios dessas classes, principalmente pelo lado econômico. Melo (2009, p.11) nos diz que: [...] a Educação Física tal qual a conhecemos hoje expressa, de alguma maneira, a forma como os seres humanos se relacionam no modo societário capitalista. As modificações do seu conteúdo e da forma de aplicá-los, bem como as disposições legais dessa

disciplina no âmbito escolar, tendem a obedecer à lógica das modificações dessa organização social.

Temos, assim, no âmbito da escola, uma clara tendência à manutenção de uma condição de alienação e aprisionamento que, muitas vezes, se confunde com a educação do corpo. O respeito à individualidade, o cooperativismo, o companheirismo, o diálogo, o desenvolvimento do pensamento são características que não fazem parte do sistema capitalista que rege nossa sociedade, portanto, não são trabalhados nas aulas de Educação Física, principalmente, pois são esclarecedoras e mostram aos alunos que existe na ordem social uma clara diferença entre quem domina e quem é dominado.

Se traçarmos um olhar sobre a história da Educação Física no breve século XX, veremos que ela passou por várias tendências em nosso país sendo que até o ano de 1930, ficou conhecida como Higienista, tendo como ênfase, em primeiro plano, a busca da construção de uma sociedade de homens e mulheres sadios por meio da prática de atividades físicas, ou seja, com a finalidade de buscar a resolução de problemas relacionados à saúde pública por meio da educação. Para Garcia e Chagas (2011, p.02): “A escola, e em especial a Educação Física passaram a contribuir para que essa sociedade se consolidasse em dois sentidos: para a composição da força de trabalho e para os cuidados higienistas e sanitaristas, devido aos grandes problemas relacionados a saúde pública que estavam surgindo”. Assim sob essas condições:

[...] a preocupação com um “corpo” forte, saudável, disciplinado se torna presente nos discursos educacionais. A “educação do corpo” se vê difundida como essencial para livrar a nova sociedade de muitos dos seus males como, por exemplo, problemas de saúde pública, sendo atribuída aos médicos higienistas a função de propiciar à população esta educação. A Educação Física, em seu início, além de valorizada por suas bases científicas e de ter suma importância enquanto higienizadora em um momento em que a sociedade era produtora de enfermidades, contribuía então para a formação do caráter, disciplinando a vontade, pois era necessário apaziguar os ânimos, formando o cidadão cada vez mais responsável por si e pela manutenção da ordem social. Isto contribuiu também com os movimentos de formação dos Estados Nacionais, capitaneados pela burguesia. (MELO, 2009, p.122).

Essa mesma Educação Física passou, ainda, por outros importantes momentos na história do Brasil, podendo ainda citar a: Fase Militar que aconteceu de 1930 a 1945, que trouxe consigo conforme revela Castellani Filho (1998) um período de extrema militarização do corpo pelo exercício físico, busca pelo aprimoramento da raça e da melhoria na força de trabalho, obediência e o desenvolvimento de um pensamento que unia a defesa da pátria com a colaboração civil por meio do esporte. A Educação Física Pedagógica de 1945 a 1964, que segundo Garcia e Chagas (2011, p.03): [...] seguiu então, a forma da educação liberal, a

qual buscava a formação de um cidadão voltado aos valores da sociedade vigente. E que em um primeiro momento, discutiu uma nova concepção de Educação Física, mas que apesar de sua contribuição, não fugiu a reprodução dos ideais conservadores.

A Fase Competitivista que se iniciou a partir de 1964, e teve o seu auge nos anos 60 e 70, e que segundo ²Castellani Filho (1988) nesse período coube a Educação Física: “[...] o papel de colaborar, por meio de seu caráter lúdico esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil no contexto universitário”. A Educação Física Popular advinda dos movimentos operários e populares preocupados com o sistema educacional e também com as questões referentes ao lazer e a Educação Física, reivindicando do Poder Público, mais escolas, quadras esportivas, jardim de infância e praças e a Crítico Social reestruturando a Educação Física em uma prática histórica e reflexiva.

Castellani Filho (1998, p. 29) nos relata que com relação a estas tendências, três são as mais importantes e com extrema significância para o nosso país: “[...] uma, que se apresenta na sua biologização; outra, que se percebe na sua psico-pedagogização, e aquela última, que reflete - na Educação Física - sinais que possam vir a apontar para a sua inserção na proposta de uma pedagogia sedimentada na concepção Histórico-Crítica de Educação”. Anderaós (2009, p.20) nos expressa que: “A tendência que se refere à biologização da área reduz o estudo do homem em movimento, apenas aos aspectos biológicos. Enfatiza, portanto, as questões da performance esportiva, da eficiência e da eficácia, marcando a presença da área médica na Educação Física do Brasil”. “A tendência que se denomina psico-pedagogização da Educação Física é a responsável pelas concepções pedagógicas de cunho tecnicista, focalizando a capacitação técnico-profissionalizante com o objetivo de adestrar mão de obra capacitada, através de uma formação acrítica e a terceira e última tendência têm uma proposta transformadora da prática da Educação Física, que pretende desestabilizar o quadro hegemônico mantido pelas duas primeiras. Aposta na socialização do corpo de conhecimento existente a respeito do conhecimento do “homem em movimento”. (IDEM, IBIDEM).

Desse modo podemos nos dirigir ao pensamento de que a Educação Física defendeu e expressou nas mais diferentes épocas, sempre uma tendência à manutenção da condição de alienação e aprisionamento, visando sempre desenvolver um corpo alienado e extremamente dócil, alicerçado pelo pensamento ideológico da classe dominante, mantenedora da apropriação das relações e dos meios de produção. Melo (2011, p.123) nos fala que a partir de

² Castellani Filho citado por Chagas e Garcia: Educação Física no Brasil: apontamentos sobre as tendências constituídas até a década de 80. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd154/educacao_fisica-no-brasil-tendencias-constituídas.htm. Acessado em 20/04/2011.

então e: “Sob essas condições, a preocupação com um “corpo” forte, saudável, disciplinado se torna presente nos discursos educacionais”. Reconhecemos que todas essas fases, ou tendências, possuem uma importância fundamental para a construção da história da Educação Física no século XX, e que separá-las pode se tornar um erro grave, aumentando assim a já extrema ruptura existente no campo de estudo da Educação brasileira, porém para melhor delimitarmos o assunto que pretendemos abordar à seguir escolhemos aprofundar nosso pensamento na tendência pedagógica que possui maior ênfase na Educação Física escolar até os dias de hoje que foi a fase Competitivista, surgida no início dos anos 60, momento em que o Brasil enfrenta os anos de chumbo da Ditadura Militar.

Nesse período o terror tomava conta do cenário brasileiro de norte a sul, a população era reprimida com enorme violência, e toda espécie de manifestação que não viesse ancorado na ideologia propagada pelo governo militar, que atuava em conluio com as forças armadas, sofria severamente as consequências de um governo tirano e violento. Vargas e Outor, citados por Tavosnanska (2009, p.237), nos contam, com impressionante precisão, o que acontecia na época:

E cada vez mais forte o avanço do conjunto de teorias político-ideológicas que defendem a criação por parte do Estado de um aparato, e se for necessário, coagir a população para detectar inimigos nos mais diversos setores da oposição nos quais, podem haver infiltrações por parte do comunismo. Tais idéias são exploradas pelos grupos contrários ao governo constitucional e democrático do presidente João Goulart

Essa mesma fase, Competitivista, de Tendência tecnicista, servia como campo de atuação e repressão político-pedagógica, pois possuía uma enorme importância no atual contexto, principalmente como forma de ludibriar as massas estudantis, para que seus olhares ficassem o mais distante possível dos problemas políticos e sociais, e, principalmente, para afastá-los das atividades políticas. É interessante lembrar que, no Brasil, “(...) o caráter utilitário e tecnicista da educação física acentua-se durante os governos militares implantados a partir do golpe 1964” (GALLARDO, 1998, p. 20). Nessa mesma época, segundo tem início uma grande:

[...] massificação do esporte, pois agora temos o modelo da medalha a qualquer custo, e o que importa é o *podium* (grifo do autor). O esporte passa a ser visto como a única oportunidade de ascensão social. A Educação física passa a ser acrítica, predominantemente prática (o fazer pelo fazer), sem reflexão e muito menos preocupada com uma fundamentação teórico-prática (SOLER, 2003, p. 29).

Nos dias atuais ainda se pode notar de forma enfática a presença desse caráter tecnicista e de massificação do esporte dentro do ambiente escolar e ocupando um lugar

determinante em nossas aulas, mesmo sendo poucas, no currículo escolar, imprimindo assim de forma característica, a educação e o corpo de nossos alunos. Kunz (2005, p.58), nos diz que: “Como resultado disto temos um ensino de vivências esportivas, *voltadas ou não para a competição*, instrumentalizadora, técnica, ‘do fazer pelo fazer’, não voltada para a reflexão deste próprio movimento e principalmente de todo o seu contexto”.

Castellani Filho (1994, p.15), nos desvela que nesse período, em que o esporte empresta prestígio à Educação Física: [...] o professor teve sua imagem confundida com a de técnico. A ênfase nos meios de ensinar que caracterizam a pedagogia tecnicista cobrou forte efeito em sua formação, como também em sua prática pedagógica agora esterilizada politicamente”. Melo (2009, p.131), nos diz que: [...] esse modelo para a Educação Física tinha como objetivo ocupar o tempo, principalmente dos estudantes, para que estes não se comprometessem com movimentos que poderiam abalar a ordem estabelecida” Esse modelo estabelecido pela Educação Física foi denominado de “Corpo Apolítico”, e que:

No final dos anos sessenta, esteve ela também associada à estratégia de minimização das possibilidades de rearticulação do movimento estudantil, que fora violentamente atingido - como de resto todos os demais setores da sociedade que exigiam a volta do país à normalidade institucional democrática - pelo aparelho repressivo do Estado, vindo a colaborar, com seu caráter lúdico-esportivo, para desviar as atenções dos estudantes das questões de ordem sociopolítica (CASTELLANI FILHO, 1993, p. 120).

O mesmo autor ainda reforça essa disseminação do esporte foi realizada de forma pensada, articulada aos ideais capitalistas e políticos, sendo que:

A crescente prática do esporte, desenvolvida em lugares específicos, como nos clubes, nas escolas e nas universidades, ajudou para que essa expressão da cultura fosse sendo regulamentada sob a intervenção do Estado que, por sua vez, passou a assumir a organização esportiva com a criação de políticas. É importante ressaltar também que o crescimento do esporte não teve um caráter de neutralidade, mas de sentidos e significados políticos e ideológicos, de uma determinada estrutura social que produz uma visão de mundo e de sociedade sob a lógica da manutenção e perpetuação das relações capitalistas (CASTELHANI FILHO, 1988).

Essa fase foi tão significativa dentro do contexto escolar brasileiro e na prática docente que, hoje, temos, em nossas escolas, não o esporte adaptado ao ambiente escolar, adequado às necessidades do grupo, mas, sim, o esporte na escola, como esporte oficial, com regras oficiais, praticado dentro da escola e como elemento de exclusão dos menos aptos e de exaltação dos mais aptos. Quando um professor trabalha o esporte em suas aulas e exclui alunos por não serem aptos, ou fisicamente favorecidos, selecionando os melhores, ele, na verdade, está contribuindo para que esses alunos, no futuro, se sintam excluídos do convívio social e do mercado de trabalho. Sabemos que muitos professores não fazem isso “por

querer”, mas por desconhecerem os elementos que formam e embasam sua prática pedagógica e o meio cultural em que trabalham.

Devemos ter bem claro que, no entanto, uma nova postura do professor diante dos alunos não é apenas “por vontade própria”, ou por exigência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), mas, sim, uma demanda da sociedade contemporânea, que cobra dos indivíduos um posicionamento crítico, o saber pensar diante das mais diversas situações do cotidiano e do mercado de trabalho, por meio do desenvolvimento das mais diversas competências. Escolher alunos atletas, melhores, mais aptos fisicamente, supõe disciplina, obediência, repetição que mantém, como na época militar, a prática de se buscar a preparação do homem forte, sadio, empreendedor, pronto para o combate, possuidor de características que o destaquem, porém sem refletir sobre a sua prática, seu pensamento, reproduzindo apenas ao interesse da sociedade burguesa, disseminadora desse pensamento à busca de um homem cartesiano, alienado.

Essa visão de homem possui ainda hoje raízes muito profundas em nossa Educação Física, principalmente na escolar, podendo ser notada pela metodologia aplicada pelos professores em suas aulas e pela maneira como os corpos continuam obedecendo a um ritual de movimentos repetitivos e mecânicos, sem expressão, emoção e sentimentos, fazendo com que os alunos apenas reproduzam o que lhes é imposto. Com relação à Educação Física escolar que lida diretamente com o corpo, com a liberdade de expressão e com o movimento, em um espaço especial de aprendizado e de trocas de experiências, muitas vezes, observamos mais claramente formas diferentes de exclusão, principalmente por parte dos professores, colocando em xeque a questão didático-pedagógica. Barbosa nos expressa com propriedade que se torna essencial nesse momento que:

[...] o professor ajude o aluno a dominar seus conteúdos, desde que esses conteúdos sejam relevantes e significativos. Quando o professor não consegue garantir a apropriação desses conteúdos, os alunos, a maioria membros das camadas mais populares não podem fazer valer seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que servem exatamente desses conteúdos para legitimar e consolidar essa dominação. (BARBOSA, 2005, p. 125)

Sob a égide desse pensamento fica explicitado que:

[...] é obrigação não só da escola, mas principalmente dos professores respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária, sem estereótipos e mecanicismos, e complementa: [...] por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes

curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? Por que dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso, a escola não é partido. Ela tem que ensinar conteúdos, transmiti-los aos alunos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 1996, p.30)

O professor de Educação Física, hoje, sem possuir uma formação adequada que lhe assegure explicitar os reais objetivos da disciplina, continua, por meio de um ensino rotineiro e centrado na mesmice, sem muito esclarecer e aprofundar seus conteúdos impedindo o aluno de arriscar, vacilar, decidir, simular e errar, o que pode implicar futuramente em humilhação e constrangimento e na submissão e aprisionamento do corpo. É claro que, exercendo seu direito à liberdade, o professor pode escolher entre continuar com a pedagogia do dominante (voltada para a prática bancária³ que gera um aluno repetidor de gestos e movimentos), ou optar por uma prática libertadora na qual a liberdade romperia, cada vez mais, com a robotização e a mecanização do ensino, dando lugar a um pensamento, com base no raciocínio, fundamentado nas experiências do indivíduo e do meio em que ele vive. Garcia e Chagas (2011, p.04), nos remetem ao pensamento de que: “A ideologia do esporte e a construção do corpo eficiente e dócil permanecem na atuação de inúmeros profissionais, bem como permanece o desporto de alto nível como modelo de atividade física, de espetáculo e de anestésico à consciência social”.

Nesse sentido essa práxis pedagógica adotada por professores de Educação Física em suas aulas, muito refletem a sua formação acadêmica, pois:

Os cursos universitários de formação profissional do professor de Educação Física, na tentativa de formar especialistas do esporte, ensinando a estes profissionais a mais especializada e evoluída tecnologia científica dos esporte, formam, na verdade indivíduos leigos para o exercício da profissão de professor de Educação Física na maioria das escolas brasileiras. Provavelmente, na escola, nem o aluno Nemo diretor, fará qualquer distinção entre o trabalho prático realizado por esse profissional com curso universitário e o de uma pessoa qualquer que goste da ginástica e dos esportes. (KUNZ, 2001, p.83).

Anderaós (1998, p. 189) nos expressa que: “A responsabilidade pelo modo como são ensinados os jogos desportivos coletivos dentro da escola recai ao nosso entendimento sobre a capacitação que os professores de Educação Física receberam nos cursos de formação profissional. Aprenderam as modalidades de modo descontextualizado, sem a consideração pelas experiências anteriores”. Merece ainda ser ressaltado que esse compromisso com a formação integral e emancipatória dos alunos, não se torna uma missão exclusiva de

³ Expressão usada por Paulo Freire, na obra “A Pedagogia do Oprimido” (1970), para caracterizar a educação que se baseia no depósito de conhecimentos na cabeça do aluno, sem nenhuma reflexão.

Professores de Educação Física, mas de toda à escola, e por que não dizer de todo o sistema educacional, pois temos um enorme dever social, e, ao contrário do que muitos pensam, a Educação Física se torna nesse contexto uma peça chave, podendo em muito contribuir para essa formação do pensamento lógico, do ser social e crítico, não, é claro, sem a cooperação e a preparação dos professores, em nenhum momento deixando de lado a especificidade de cada disciplina, pois o campo da educação brasileira ainda está muito pautado no positivismo e no tradicionalismo de outros tempos, interferindo diretamente na prática de professores em nossas escolas. Bracht (1986, p.62) diz que: “[...] a tradição positivista ainda caracteriza a prática da Educação Física na maioria das escolas, conduzindo a criança pelos caminhos definidos pelo modelo Liberal-capitalista. Nesse tipo de escola o conhecimento é construído em grande parte pelas mãos do professor, aquele que sabe”.

Essa mesma tradição positivista aprisiona o principal instrumento de trabalho da Educação Física, o corpo. Segundo Foucault (1997, p.118), “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações”. Portanto precisamos perceber que isso faz parte de um processo de estabilização da sociedade, juntamente com um processo de conformação sócio-histórico em que o corpo, nas mais diversas etapas da história, sempre esteve presente e, de alguma forma, sempre esteve aprisionado. Através do refreamento das nossas emoções e afetividades para nos encaixarmos socialmente no grupo do qual fazemos parte, podemos estar nos educando de acordo com os interesses de uma classe dominante que determina e impõe regras e normas de convívio.

Chauí (1990) nos diz que: “Vivemos numa sociedade de classes que se utiliza de um discurso ideológico para alienar as pessoas e manter o poder da classe dominante. A ideologia separa o sujeito do objeto na construção de uma pretensa objetividade”. Nesse sentido, então, a escola não deveria ser um local destinado à diferenciação de classes sociais e de demonstração de poder, mas deveria ser um lugar ímpar, neutro, onde pessoas interagissem em busca de um conhecimento capaz de modificar e contribuir com os interesses do grupo e da sociedade. Snyders nos leva a pensar que nessa disputa de poder:

[...] a escola, a pretexto de ser neutra, não aborda as questões que estão na base da existência das crianças proletárias: os salários, as greves, o desemprego, as guerras coloniais. Tal escola transforma-se ‘numa escola do silêncio, uma escola de morte’. A escola torna-se estranha e distante, e são os filhos do proletariado que mais duramente sentirão, isto é, os que mais se expõem à reprovação e ao insucesso. Enquanto existir uma sociedade de classes, a escola será inevitavelmente escola de classes. A burguesia tenta transformar a escola de massas em instrumento capaz de subjugar os trabalhadores. (SNYDERS, 1981, p.32).

No entanto, sabemos que as sociedades são mutáveis e que os indivíduos que nela interagem têm que se educar, principalmente em seus instintos e emoções. Devemos pensar no corpo diante do olhar da sociedade e do momento histórico que se vive. Portanto, ter cuidados com o corpo significa cuidar também da nova sociedade em construção, uma vez que a força de trabalho produzida e posta em ação pelo corpo é fonte de lucro.

CONCLUSÃO

Se, na natureza das relações com o professor, o aluno apreende, sem questionamentos, os conteúdos e práticas que o meio educacional lhe impõe, estamos falhando na nossa missão de educar e de tirá-lo da alienação em que ele vive. Essa tentativa de fazer com que os alunos sigam metodicamente a disciplina, instruções e regras rígidas de obediência extrema, sem a presença do diálogo, faz parte de um processo de conformação social e de controle, de uma liberdade vigiada que não contribui para a educação com a qual sonhamos. Portanto, ao utilizarmos o discurso crítico, no processo de desmonte da ideologia, devemos ficar atentos para não objetivá-lo.

O sujeito e o objeto devem ir se construindo um pelo outro no próprio processo. Dessa forma, a escola se torna um cativo, e o professor deixa de exercer um importante papel, no sentido de auxiliar o desenvolvimento e o esclarecimento de formas particulares de refletir sobre os conteúdos e como eles interferem no cotidiano da sociedade e em suas mudanças, e a instituição escolar deve ser um local em que o conhecimento é transformado em desconhecimento, não possuindo um comprometimento maior com a verdadeira natureza do ser humano e, portanto, sem maiores preocupações com os aspectos mais relevantes do seu crescimento, não contribuindo para a formação dos alunos, futuros cidadãos como pessoas.

Educar para a autonomia parece ser o mais interessante, fazendo com que professores de educação Física deixem de uma vez por todas a velha prática de décadas e décadas de mecanicismo e engessamento, voltada apenas para o ensino das técnicas das modalidades esportivas, fazendo dos raros momentos nas aulas de Educação Física na escola um espaço de exclusão e de manutenção de “status quo”, impedindo assim que este espaço, voltado para novas descobertas e possibilidades seja realmente utilizado para a construção de uma prática voltada para a cultura e para a história de vida dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERAÓS, Margareth. **A formação profissional na Faculdade de Educação Física de Santo André – manutenção ou alteração** / Margareth Anderáos. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: [s. n.], 1998. 150 páginas.
- BARBOSA, Cláudio Luís de Alvarenga. **Educação Física e Filosofia**. A relação necessária. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- _____. **Educação Física Escolar – da alienação à libertação**. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.7, n.2, p. 62-68, jan.1986.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Política Educacional e Educação Física**. Campinas/SP: Autores Associados, 1998 (Coleção Polêmica do nosso tempo).
- _____. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988. (Coleção Corpo e Motricidade).
- _____. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 4ª Ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- CHAUI, MARILENA. **Cultura e democracia**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990. 309 p.
- FOULCALT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 49 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2009.
- GALLARDO, Jorge Sérgio Perez. **Didática de Educação Física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação**. São Paulo: FTD, 1998 (Conteúdo e Metodologia).
- KUNZ, Elenor. **Didática da educação física 3: futebol**. 2 ed. Ijuí, 2005. 200 p. (Coleção educação física).
- MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física. Brasília, 1998.
- SNYDERS, George. **Escola, classe e luta de classes**. 2 ed. Lisboa-Portugal. Tradução de Maria Helena Abarran. Moraes Editores. 1981.
- SOLER, Reinaldo. **Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
- TAVOSNANSKA, Pedro Hugo (Compilador). **Democratización del deporte: la educación física y la recreación, aportes a la integración regional y la cooperación internacional**. 1 ed. Buenos Aires: Biotecnológica, 2009.